Do Autoritarismo à Democracia — Leitura de Figuras

12.º Ano | História A | 3 páginas | 6 exercícios

Competências que desenvolve: Ler um fluxograma de transição, explicar os ramos do PREC e justificar como a oposição e o MFA fecham o ciclo autoritário.

Um fluxograma, quatro ramos — e um só desfecho: regras escritas de todos



o fluxo não é reta: ramifica, briga e volta a juntar-se — a democracia é a única linha que atravessa todas

esquema didático · oposição: CDS 1974 · PCP 1956 · PS 1973 · nacionalizações 1974–75 · Constituição 25/04/1976

Figura F6 — Do autoritarismo à democracia: a linha e os ramos.

Exercícios

1. A linha principal (Figura F6): os cinco blocos — o que cada um abre e o que obriga a seguir.

2. A oposição (bloco verde): quem se organiza e onde é que a oposição se esconde antes de 1974? Porque tarda?

3. Ramos 1 e 2: poder popular e nacionalizações — o que cada um dá ao lado de baixo, e porque é que chocam com o bloco de partida.

4. Ramo 3 (a briga de 1975): porque é que as ramificações não se resolvem por eleições? O que as para em 25 de Novembro?

5. V/F (Figura F6) — justifica as falsas: a) «O PCP é fundado em 1974.» ( ) b) «As nacionalizações deixam a indústria privada.» ( ) c) «O fluxograma termina em 1974.» ( )

6. Porquê (5–6 linhas): porque é que o fluxo precisa de «voltar a juntar-se» em 1976? Liga o filtro constitucional ao bloco de chegada.

© 2026 Estudantices

Soluções — Do Autoritarismo à Democracia

1. Partida (Estado Novo fechado) → **oposição organiza-se** (dá quem vai herdar o poder civil) → **25 de Abril** (corta: liberdades novas) → **ramo do PREC** (experimenta e ramifica) → **chegada: Constituição de 1976** (reúne tudo em regras comuns). Cada bloco é «e depois»: sem o anterior, o seguinte não existe.

2. Organizam-se **os partidos que o regime nunca conseguiu apagar**: PCP (1956, na clandestinidade), CDS (1974, nas Lusíadas) e PS (1973, no exílio — Mário Soares). Antes de 1974 a oposição esconde-se **em casa, na Igreja progressista, nas associações e no exílio** — tarda porque a PIDE prende, a censura cala e a lista única torna o voto inútil: só com o MFA a porta abre.

3. Poder popular: dá voz a quem nunca decidiu (comissões, moradores — o poder desce à rua) · **Nacionalizações:** tiram a economia das mãos privadas (banco e seguros ao Estado). Chocam com a partida porque **trocam «manda o chefe» por «manda quem produze»** — o bloco cinzento vivia de controlo de cima; os ramos 1 e 2 invertem a seta.

4. Porque em **1975 não há regras ainda** (o multipartidarismo e a Constituição não existem): cada bairro, fábrica e quartel decide à sua maneira, e a disputa vira confronto entre projetos — esquerda acelera (socialização), direita pára (ordem). O que põe fim em **25 de Novembro** é o colapso das duas extremas: moderados impõem equilíbrio, e a saída passa a ser **escrita**, não rua — daí o filtro constitucional.

5. a) **F** — o PCP é de **1956**; o CDS é que é de 1974 b) **F** — «deixa de ser privada»: passa ao Estado (ramo 2) c) **F** — termina em **1976** (Constituição) — 1974 é só o corte.

6. Porque os ramos **não podem ficar soltos**: poder popular e nacionalizações avançam sem lei, a briga de 1975 mostra que sem regras cada vitória é temporária — e uma democracia onde só ganha o mais forte não é democracia. O **filtro constitucional** (caixa verde lateral) é o que recolhe o que sobrevive ao debate (1975) e o converte em lei maior: o bloco de chegada é a única caixa por onde **todos** os ramos passam — e é isso que fecha o fluxo: de «quem manda hoje?» para «o que vale para sempre?».

Nota de correção: PCP 1956 ≠ CDS 1974 · nacionalização ≠ privatização · o fluxo acaba em 1976, não em 1974.

© 2026 Estudantices